

“PRECISO COMPARTILHAR...”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE RELATOS SOBRE GORDOFOBIA MÉDICA

VIRGINIA BARBOSA LUCENA CAETANO¹; LUCIANA IOST VINHAS²

¹UFPEL – vicaetano24@gmail.com

²UFRGS/UFPEL – luciana.vinhas@ufrgs.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a apresentar um recorte da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Por se tratar de uma pesquisa em fase de desenvolvimento, com procedimentos e resultados ainda parciais, nos deteremos, aqui, em apresentar algumas questões basilares sobre o tema em estudo, destacando a relevância social de pensar os discursos sobre a gordofobia em contexto médico-clínico.

Ainda que os estudos sobre as implicações do excesso de gordura corporal aconteçam já há alguns séculos, a obesidade não era considerada uma patologia até poucos anos atrás. Foi a partir de 2013 que a American Medical Association (AMA) passou a declarar a obesidade como uma doença. Os argumentos que justificam essa resolução estão relacionados às possíveis facilidades em atendimento e acesso a tratamentos que surgiram do reconhecimento da obesidade como uma patologia. Os critérios para essa decisão, portanto, foram clínicos, não levando em consideração as implicações sociais e subjetivas que essa patologização poderia ter em relação aos sujeitos com sobre peso.

No âmbito social, alçar a obesidade à categoria de doença produz diversos efeitos, como o aumento do estigma e do preconceito em relação ao sujeito gordo. O imaginário da gordura relacionado à doença é anterior à resolução da AMA, porém, tal resolução alimenta e dá legitimidade a esse imaginário. Poulain (2013, p. 35) sustenta que, embora haja diversas doenças que afetem a população de modo socialmente diferenciado, a obesidade tem uma implicação muito particular: “a estigmatização tende a transformar a vítima em culpada e constitui assim um fator de agravamento”. É importante destacar que a patologização da obesidade é apenas um elemento do complexo processo, histórico e social, de estigmatização do corpo gordo. Um olhar atento aos discursos que circulam, especialmente nas mídias, sobre o corpo gordo possibilitam a interpretação de que a estigmatização se sustenta muito mais em questões estéticas, mas que, para se cristalizar enquanto efeito de legitimidade, se apoia no discurso da saúde.

Contudo, como nos ensinou Pêcheux ([1982] 2014a, p. 281), “não há dominação sem resistência”. Nos últimos anos, as redes sociais têm se mostrado espaços muito produtivos para a circulação de discursos de denúncia sobre formas de violência legitimadas. A campanha #gordofobiamédica é um ótimo exemplo disso. Já que a discussão sobre a negligência médica em relação aos corpos gordos era completamente silenciada pelas mídias de massa, os sujeitos utilizaram suas contas pessoais nas redes sociais para denunciar a violência a que corpos gordos são submetidos no sistema público e privado de saúde. Através da identificação com a hashtag #gordofobiamédica, inúmeras pessoas passaram a postar, em suas contas

pessoais, relatos de situações vividas em visitas a consultórios médicos, ambulatórios ou hospitais. As histórias incluem situações de negligência médica, humilhação, violência física e verbal, em razão da forma corporal dos sujeitos-pacientes, e também denúncias sobre a falta de investimento em infraestrutura, nos serviços de saúde pública e privada, para atendimento de pessoas gordas.

Tendo como objeto de estudo o discurso de sujeitos gordos sobre a gordofobia médica, e selecionando como corpus para análise relatos sobre gordofobia médica que circulam no Instagram, nos propomos, na pesquisa em andamento, a analisar a forma como a subjetividade de sujeitos gordos é afetada pela disputa de sentidos sobre o ser gordo na atualidade e os efeitos dessa disputa nas práticas discursivas produzidas nas redes sociais.

A referida pesquisa é desenvolvida com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Materialista (AD). Nos ancoramos em tal perspectiva teórica porque a AD permite olhar, pelo viés do discurso, a subjetividade em sua dupla constituição: no plano individualizado – considerando a subjetividade determinada pelo Inconsciente – e no plano social – observando a forma como o histórico e o político afetam os processos de subjetivação.

2. METODOLOGIA

Na pesquisa aqui apresentada, não partimos de uma metodologia pronta, elaborada antes do processo de análise. O que propomos é a construção de um dispositivo de análise que vai se constituindo a partir da relação entre o quadro conceitual da AD e o objeto de estudo. Como o trabalho aqui apresentado está em fase de desenvolvimento, nosso dispositivo analítico está se constituindo junto com o processo de análise. Sendo assim, nos deteremos, nesta seção, em apresentar os procedimentos para reunião do arquivo da pesquisa.

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, foi necessária a composição de um arquivo que permitisse observar a tensão entre os sentidos de saúde e doença, normal e patológico, a partir de formulações de sujeitos gordos que vivenciaram episódios de gordofobia médica. A reunião e leitura de um arquivo é compreendida, aqui, conforme Pêcheux ([1982] 2014b, p. 59), isto é, a construção “de um espaço polêmico das maneiras de ler”, que permite “uma descrição do ‘trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele-mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma’”.

Para a seleção dos relatos, foram necessárias diversas incursões nas redes sociais. Em um primeiro momento, foram consideradas postagens vinculadas à campanha #gordofobiamedica em diversos sites de redes sociais. Levando em consideração a grande diversidade de condições de formulação e circulação que cada rede social permite, optamos por restringir nosso arquivo apenas a relatos produzidos no Instagram. Os relatos selecionados, por fim, foram coletados de dois perfis diferentes. Parte deles foram publicados no formato de stories no perfil da jornalista Flávia Duarte. Tratam-se de relatos enviados por chat e publicados, posteriormente, pela jornalista, em sua página, conservando o anonimato dos autores. A outra parte dos relatos que compõem o arquivo foi coletada de uma postagem no perfil da pesquisadora e ativista Malu Jimenez. Nesse caso, os relatos foram produzidos de forma pública em resposta à questão: você já sofreu gordofobia médica?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento atual de desenvolvimento da pesquisa, estamos refletindo sobre as condições de produção, formulação e circulação do arquivo em análise. Para isso, partimos da sequência discursiva “Preciso compartilhar...”, que dá início a um dos relatos do arquivo. No processo de análise, buscamos compreender como aquilo que, na base linguística do enunciado, é elipsado: complementos do verbo compartilhar (compartilhar o que? Compartilhar com quem?), é preenchido, no plano discursivo, pelas condições de produção do discurso.

Sobre a primeira questão (compartilhar o que?), foi possível compreender, após análise de algumas sequências discursivas, que os sujeitos gordos buscam compartilhar, por meio da publicação de seus relatos, o impossível de serem vistos para além de seus corpos. Em outras palavras, os relatos funcionam como uma forma de resistir à insistência em uma única significação sobre si e sobre seu corpo que vem do outro/Outro, dominante, e que o interpela a assumir a posição de donente em razão de sua forma corporal.

Esse gesto de resistência só é possível, contudo, (e aí entre a segunda questão proposta: compartilhar com quem?), porque o sujeito gordo reconhece, imaginariamente, um interlocutor com quem pode estabelecer uma relação de aliança e laços afetivos que fortalecem a imagem que tem de si mesmo. Nos referimos, aqui, aos outros sujeitos que também utilizaram o espaço das redes sociais para compartilhar suas vivências sobre a gordofobia médica. Cabe afirmar, nesse sentido, que as ferramentas digitais, em especial aqui o uso da hashtag #gordofobiamédica, possibilitaram a emergência de um lugar enunciativo do qual o sujeito gordo pode significar a si e a seu corpo.

4. CONCLUSÕES

Como se trata de um trabalho em desenvolvimento, não é possível apresentar, neste momento, conclusões. Podemos destacar, contudo, quão produtivos os discursos sobre a gordofobia médica são para pensar as relações entre corpo e discurso pela perspectiva materialista. Observar os imaginários que o sujeito gordo coloca em circulação sobre si e seu corpo, somados à discussão referente à normatização dos corpos operada pelo aparelho ideológico de estado médico (ALTHUSSER, [1971] 2013), nos dá subsídios para avançar na teorização sobre o lugar do corpo no quadro teórico da Análise de Discurso e sobre a relação entre Inconsciente e Ideologia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. [1971]. In: ZIZEK, S. (Org.) **Um mapa da Ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. [1982]. In: PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi [et al.] 5^a edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. [1982]. In: ORLANDI, E. P. (org). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b. 4^a edição. p. 57-67.
- POULAIN, J. P. **Sociologia da obesidade**. São Paulo: Editora Senac, 2013